

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

TATIANE APARECIDA GARRIDO

PRÁTICA TEATRAL COM SURDOS: UMA QUESTÃO DE LINGUAGEM

Porto Alegre
2012

TATIANE APARECIDA GARRIDO

PRÁTICA TEATRAL COM SURDOS: UMA QUESTÃO DE LINGUAGEM

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. João Pedro Alcântara Gil

PORTO ALEGRE
2012

Afirmar que os homens são pessoas e que, enquanto pessoas, devem ser livres, mas não fazer nada para que essa afirmação se torne realidade, sem dúvida, é uma comédia. (FREIRE. 1921, P. 59)

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esse trabalho, quero agradecer...

Aos meus pais, por todo o carinho, apoio e compreensão durante os meses de pesquisa. Por me proporcionarem todo o indispensável para uma educação de qualidade, e por confiarem nas minhas escolhas.

Ao Junior por todo o carinho e apoio. Obrigada por me auxiliar nos momentos necessários e compreender as intermináveis horas de dedicação a esse trabalho.

Ao meu orientador João Pedro Alcantâra Gil, por todo o apoio e incentivo. Obrigada por acreditar na minha pesquisa e se emocionar com ela.

Aos meus colegas, obrigada por partilharem comigo desse momento tão importante da nossa formação acadêmica.

Ao grupo de pesquisa teatral Signatores, por confiar no meu trabalho e me proporcionar importantes momentos de vivência com a comunidade surda.

Por fim, a toda a comunidade surda, sem a qual esse trabalho não teria acontecido.

RESUMO

Meu interesse com esse trabalho de conclusão de curso é apresentar as formas de comunicação entre professor ouvinte e alunos surdos no fazer teatral, considerando a linguagem específica que utilizamos nas aulas que, geralmente, não existem no vocabulário surdo. Para tanto, parto de relatos de professores de surdos e da minha prática no grupo signatores, com a finalidade de construir um território mais significativo para a educação dos surdos.

Palavras chave: Comunicação. Surdo. Educação.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. AS ESCOLAS	12
3. AS OFICINAS	16
3.1 O SIGNATORES	18
4. AS ENTREVISTAS	20
5. O PROGRAMA INCLUIR	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE A	31
APÊNDICE B	39

1. APRESENTAÇÃO

A minha carreira de educadora não é grande, e apesar de algumas experiências difíceis, tem sido movida por algo instigante, algo que até recentemente não era claro, mas que passei a compreender no decorrer do curso de Licenciatura em Teatro.

O meu interesse pela educação surgiu em meados do ano 2000, ainda adolescente eu achava que queria ser professora. Assim o fiz, cursando magistério no Instituto de Educação General Flores da Cunha, escola conhecida pela qualidade na formação de professores, localizada em Porto Alegre, RS. As experiências práticas que obtive durante esse período foram difíceis, pois trabalhei como estagiária em uma escola municipal de educação infantil na periferia de Porto Alegre. Apesar da inexperiência, o cargo de “nova estagiária” me designava a ter sempre o trabalho mais difícil. Durante todo esse período, eu lutei para conquistar um lugar em uma turma, preocupando-me em fazer planejamentos, sendo que as professoras concursadas não o faziam. Os meus planejamentos não tinham sucesso, pois sempre que alguma professora faltava, o que era muito comum, eu precisava assumir o seu lugar, e isso significa que muitas vezes assumi turmas com vinte e cinco crianças, sem a ajuda de ninguém, pois eu estava lá apenas para ajudar os outros e não para receber ajuda.

Mesmo com a insatisfação no magistério, decidi permanecer na área da educação, mas com um diferencial: o curso de teatro, opção que foi ganhando importância no decorrer da adolescência. As aulas de teatro aconteciam como disciplina obrigatória do Curso Normal, também conhecido como Magistério; eram ministradas pela professora Mônica Bonatto e, posteriormente, pela professora Gisele Fleck. As tardes em que tínhamos aula no TIPIE (Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação) fundado por Olga Reverbel, uma das precursoras do movimento conhecido como Teatro e Educação, passaram a ser muito importantes para a minha formação pessoal, pois, a partir desse interesse, passei a procurar formas de fazer teatro fora da escola. Passei a ser público assíduo do teatro regional e, nesse mesmo período, comecei a participar de oficinas teatrais oferecidas pela Prefeitura de Porto Alegre.

Assim como no magistério, no teatro também tive momentos de desilusão. Ocorreram fases em que apenas a educação me satisfazia, e elas ganharam intensidade quando me matriculei na disciplina de LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais)

oferecida pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No momento em questão, a disciplina era oferecida como *eletiva*. Apesar do meu interesse pelo assunto tomar uma grande proporção, precisei cancelar a disciplina por motivos de trabalho.

Em meados de 2011, pude iniciar a disciplina LIBRAS I. O Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005 entrou em vigor, e a disciplina passou a ter caráter obrigatório para os cursos de Licenciatura. Durante aquele semestre, o meu interesse pelo assunto aumentou, não apenas pela língua, mas pela cultura surda. Nesse mesmo ano, produzi um artigo cujo tema era à expressão corporal do ator surdo. A dificuldade para encontrar bibliografia sobre “teatro para surdos” me fez questionar a minha escolha de pesquisa durante a minha formação acadêmica. Poucos autores tratam sobre o assunto, e relações de surdos com o teatro são mais raras ainda. Tão importante, tão afirmada e tão esquecida, foi assim que passei a pensar na comunidade surda.

Em 1977 foi fundada a FENEIDA (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos) com o objetivo de reunir todas as entidades do país que se ocupavam dos direitos e interesses da comunidade surda, mas apenas ouvintes representavam essa comunidade. No ano de 1983, a comunidade surda criou uma comissão de luta pelos direitos dos surdos, um grupo não oficializado, mas com o objetivo de participar das decisões da FENEIDA, pois, até o momento, a sua participação era negada pelas autoridades. Acreditavam que o surdo não tinha capacidade para coordenar uma entidade. No ano de 1987, esse grupo conquistou a presidência e a nova diretoria modificou o estatuto da instituição, que passou a ter um novo nome. A FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) é um órgão que tem como meta disseminar a LIBRAS pelo Brasil. Essa Federação vem lutando pelos direitos dos surdos, realizando encontros, divulgando e debatendo sobre diversas áreas de interesse da comunidade surda, dentre os quais a LIBRAS. Com sedes em Belo Horizonte, Curitiba, Ceará, Distrito Federal, Manaus, Pernambuco, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina, a FENEIS defende que os alunos surdos da educação básica devem ser atendidos em escolas bilíngues para surdos, aprendendo LIBRAS como primeira língua e o português brasileiro como segunda língua. No ensino médio e ensino superior, o aprendizado pode ocorrer em escolas de ouvintes, desde que haja a presença de um intérprete nas salas onde houver alunos surdos.

Durante o período que dediquei ao estudo da Libras muitos fatores me fizeram refletir sobre a aceitação do surdo na sociedade brasileira. De acordo com dados recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) do ano de 2010, existem em torno de 9.722.163 surdos brasileiros. O órgão em questão tem dificuldade em afirmar o número exato, pois a pesquisa solicita o número de “*pessoas portadoras de deficiência*”, e o surdo é apenas uma pessoa com código linguístico diferenciado. Aproximando esses dados da educação, de acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) no mesmo ano, 70.823 estudantes surdos estavam matriculados no ensino regular, e apenas 4.660 estavam matriculados em um curso superior. Como podemos perceber, os dados afirmam que surdos comumente não dão continuidade aos estudos, o que talvez seja responsável pela união dessa comunidade, pois surdos querem estar entre pessoas que compreendam a sua língua, logo, eles estarão próximo de outros surdos, e, se essa comunidade não ocupar as escolas regulares e universidades, haverá poucos surdos que se sentirão à vontade nesses ambientes planejados para ouvintes.

Segundo o pesquisador Lulkin (2000), a primeira escola para surdos foi fundada na França no ano de 1761. Nela a língua de sinais era utilizada. Havia um movimento revolucionário francês que exigia uma instrução pública para todos. Foi então criado o Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris (INJS), que tinha uma proposta pedagógica para vários países. Foram após esses eventos que a língua de sinais passou a ser reconhecida como língua apropriada para a educação de pessoas surdas. Durante a Revolução Francesa, o estado passou a querer regenerar esses indivíduos, acreditando na possibilidade de uma educação através dos “signos”, mas, quando no início do século XIX tornou-se claro que o número de pessoas com essa condição estava aumentando, os governos buscaram auxílio na medicina para tentar curar a “anormalidade”. Os surdos não eram rejeitados, mas vistos como doentes que precisavam curar-se. No ano de 1880, profissionais especializados na educação de surdos reuniram-se em um evento nomeado como Congresso de Milão, que foi um marco na história da erradicação da língua de sinais. Estavam presentes cento e oitenta duas pessoas provenientes de países como Bélgica, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Suécia, Rússia, Estados Unidos e Canadá, e apenas um congressista era surdo. Discutiram a educação de surdos, analisaram as vantagens e os inconvenientes do internato, o período necessário para a educação formal, o número de alunos por sala e, principalmente, como os surdos deveriam ser

ensinados, oral ou gestualmente. A oralização foi defendida como “ideal” de educação e a língua de sinais vista com inferioridade, de forma que as primeiras medidas foram violentas: alunos que sinalizavam deveriam sentar sobre as suas mãos, além de os professores e funcionários surdos serem substituídos por pessoas ouvintes. Ao final do século XIX, as instituições que autorizavam o uso da língua dos sinais passaram a proibir o seu uso. As disciplinas que tinham proximidade com a cultura surda foram substituídas por aulas de ginástica, higiene e alimentação, orientadas por ouvintes. A surdez estava sendo visada como algo a ser corrigido. Com o insucesso da tentativa de oralização, foi criado em 1898 o primeiro aparelho auditivo, e, anos mais tarde, o primeiro implante coclear, instrumentos que geralmente são negados pelas comunidades surdas, pois estas entendem que é a sociedade querendo obrigar uma criança surda a negar a sua condição. No Brasil, apenas no ano de dois mil e dois a LIBRAS foi reconhecida oficialmente como língua, de acordo com a LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.

A instituição de ensino através da qual cursei Magistério mostrava uma grande preocupação em preparar as alunas-professoras para atenderem alunos excluídos. Certa vez, fizemos uma visita ao Colégio Concórdia, localizado em Porto Alegre, RS; não guardei muitas memórias desse dia, mas uma imagem se mantém viva: alunos surdos fazendo teatro. Na época, não tinha conhecimento sobre a importância da LIBRAS, nem tinha uma opinião formada sobre o ensino de crianças surdas, e, devido à falta de conhecimento, compreendi esse momento como sendo algo único e íntimo: um teatro surdo feito para surdos. Naquele momento pensava não haver a possibilidade de unificar um trabalho devido à diferença linguística, como se a fala fosse algo inevitável para o teatro.

O meu interesse, com a presente pesquisa foi descobrir como se dá a comunicação entre professor ouvinte e alunos surdos no fazer teatral, considerando a linguagem específica que utilizamos nas aulas de teatro, com termos simples para os ouvintes, mas que comumente não existem no vocabulário surdo. Certo dia, ouvi um relato de uma professora de surdos: ela contou que falou para os seus alunos em “energia”, algo que é claro para um membro da classe teatral, mas que na linguagem dos surdos, é definida apenas como “energia elétrica”. Já ouvi diversos outros exemplos linguísticos como esse; geralmente todos envolvem a necessidade de uma apropriação recíproca de vocabulário.

Desenvolvi um trabalho de pesquisa que visou esse encontro, procurando compreender como acontece uma aula de teatro onde professor e aluno possuem um idioma diferente. A investigação foi desenvolvida com professores e alunos, com a observação de algumas aulas e entrevistas.

Realizei o meu trabalho junto ao grupo de pesquisa teatral Signatores, que tem professores ouvintes e alunos surdos. Posteriormente estendi a pesquisa, buscando outros professores e grupos teatrais que tivessem essa mesma característica.

Conforme Larrosa (2002, p.21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Associo essa afirmação com o meu trabalho na bolsa de extensão universitária, que passei a receber e com a qual tive a oportunidade de auxiliar o grupo de pesquisa teatral Signatores, podendo assim discutir as minhas inquietações e fazer descobertas. Essa oportunidade surgiu através do meu interesse de pesquisar sobre a surdez e estar com o grupo que, certamente, contribuiu para o desenvolvimento deste estudo.

No primeiro capítulo irei falar sobre as escolas de Porto Alegre, pois durante esse ano tive a oportunidade de visitar algumas escolas da rede pública de Porto Alegre que possuem um trabalho específico dedicado a comunidade surda.

No capítulo seguinte irei relatar sobre observações e experiências que obtive junto a grupos de oficinas de teatro realizadas em Porto Alegre, onde esses grupos contavam com integrantes surdos.

No terceiro capítulo eu irei compartilhar as entrevistas que pude fazer no decorrer desse ano, onde conversei com diversos professores eicineiros de teatro, alguns já em atividade com alunos surdos, outros ainda imaginando e idealizando como seria esse processo.

Por fim, no último capítulo dessa monografia irei tecer algumas considerações finais, analisando o material coletado e dialogando com alguns autores que estiveram presentes durante esse período de pesquisa.

2. AS ESCOLAS

Conforme já foi dito anteriormente existem escolas para surdos desde 1761, mas desde 2011 essas escolas correm o risco de serem fechadas. Entre 28 de março e 1º de abril de 2010 aconteceu o Conselho Nacional de Educação (CONAE), onde o momento de elaboração do Plano Nacional de Educação 2011-2020 teve um desfecho considerado equivocado no que se refere à educação de surdos, pois com a valorização da língua de sinais a surdez passa a ser distanciada das outras ditas deficiências, pois basta adquirir a linguagem, que é aprendida grande parte na escola, que o sujeito encontra os seus pares. Por outro lado, de acordo com o novo modelo educacional, nas escolas regulares devem ser matriculadas crianças com qualquer deficiência, o que implicaria no fechamento das escolas de surdos. Segundo Skliar (1998, p. 11):

Pode se dizer que a educação dos surdos parece se encontrar, hoje, diante de uma encruzilhada. Por um lado, manter-se, ou não, dentro dos paradigmas da educação especial reproduzindo o fracasso da ideologia dominante – movimento de tensão e ruptura entre a educação especial e a educação de surdos. Por outro lado, aprofundar as práticas e os estudos num novo campo conceitual, os Estudos Surdos, quebrando assim a sua dependência representacional com a educação especial, e se aproximando dos discursos, discussões e práticas próprias de outras linhas de pesquisa e estudo em educação.

Desde então, uma série de manifestações tem acontecido em diversas cidades do Brasil, segundo REGO, na obra sobre Vygotsky: “O desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie.” (1998, p.71). Até o momento atual as escolas especiais continuam funcionando normalmente, pois o governo mostra-se indeciso no que fazer. Acredito que a falta de conhecimento sobre a real importância dessas escolas faz com que o consenso sobre a melhor forma de ensino para crianças especiais seja modificado diversas vezes. Segundo MOURÃO (2011, p.38):

Não significa que fechamos as fronteiras na terra surda, mas é que somos diferentes nas culturas e identidades, e interagimos com

fronteiras e globalização – é onde se envolvem práticas, ação e tudo se torna política social. A diferença está também na língua, não somos deficientes, somos minoria lingüística.

Durante esse período de pesquisa tive a oportunidade de visitar algumas escolas especiais para crianças e adolescentes surdos. Esse foi um processo lento de acordo com a dificuldade de conseguir tempo para realizar as visitas.

A primeira escola recebeu a minha no dia 13 de novembro de 2012. Agendei a visita na escola Salomão Watnick com a diretora Thaís Fernandes de Souza. A escola em questão fica Localizada na Rua Capitão Pedro Werlang, número 1101 no Bairro Intercap em Porto Alegre-RS. A “Salomão” conforme é conhecida, trabalha com surdos com ou sem outras deficiências associadas. A escola conta com apenas vinte e oito alunos, havendo cinco turmas com alunos de seis a doze anos e um quadro com treze professores, sendo alguns surdos e outros ouvintes, mas com Libras fluente. Há também um atendimento especializado que atende a crianças de zero a cinco anos, onde elas tem a oportunidade de iniciarem o aprendizado da LIBRAS. A escola não possui professor de teatro, apenas um professor de artes plásticas, mas que trabalha com dramatização de histórias e incentiva aos alunos a criarem cenas teatrais. Em parceria com a Secretaria da Educação a CUFA (central única de favelas) disponibiliza oficina de teatro gratuita para os alunos no turno da manhã, de forma que a escola adaptou os horários das aulas para incentivar a participação dos alunos. Esse trabalho acontece na sala de artes, que é pequena, mas suficiente para o número de alunos. Aicineira é graduanda no curso de Bacharel em teatro, ouvinte e fluente em Libras. Segundo Moura (2011, p.38):

Não importa se o professor é ouvinte ou surdo, importante é que saiba fluentemente a língua de sinais, que entenda de cultura surda, hábitos, adquirindo a língua e participando da comunidade surda. A significação das palavras é algo importante de saber e entender, é nosso direito na escola.

A escola Lilia Mazon foi a segunda escola a receber a minha visita. Agendei com a Coordenadora Celina Xavier uma visita para o dia 14 de novembro de 2011. Localizada na Rua Morretes número 222, no bairro Santa Maria Goretti em Porto Alegre- RS, a escola atende setenta crianças e adolescentes surdos e conta com um

quadro de vinte professores para o ensino fundamental e médio. A escola em questão comemora o seu décimo quarto aniversário enquanto escola, pois antes no espaço em questão havia uma clínica que tratava da surdez. Até o presente momento a escola não conta com professor de teatro, apenas com um professor de artes que possui especialização em educação de surdos. Segundo a coordenadora Celina Xavier, a escola fez o pedido de um professor de teatro através do programa “Mais Educação” que é um programa da SECRS, onde pessoas com qualquer tipo de experiências teatrais podem dar aulas de teatro. Quando perguntei a coordenadora se para esse programa eles tinham a exigência de um professor fluente em Libras ela respondeu: *“eles são crianças, eles não precisam de um professor fluente, eles precisam apenas de um olhar de professor, de um carinho. Quando tivermos esse professor vamos ver se é necessário a presença de um intérprete na aula, se for, com certeza ele terá o nosso apoio”*. Segundo REGO (1998, p.94) na obra sobre Vygotsky:

“O indivíduo não é um resultado de um determinismo cultural, ou seja, não é só um receptáculo vazio, um ser passivo, que só reage frente às pressões do meio, e sim um sujeito que realiza uma atividade organizadora na sua interação com o mundo, capaz inclusive de renovar a própria cultura. Parte do pressuposto de que as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir da constante interação com o meio, entendido como mundo físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural. Nesse processo, o indivíduo ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. É, portanto na relação dialética com o mundo em que o sujeito se constitui e se liberta.”

Na visita da terceira escola precisei passar por um processo demorado, pois ao entrar em contato com a escola cada funcionário que me atendia orientava-me de um jeito diferente, de forma que estava atrasando significativamente o processo. Precisei entrar em contato direto com a SMED (Secretaria Municipal de Educação), e apenas esse contato me auxiliou na visita, mas não o suficiente, pois a SMED não tem atualizado os endereços das escolas, de forma que quando marquei a primeira visita compareci ao endereço antigo, logo precisei reagendar a visita. Marquei com o diretor, Gilberto Machado Maia uma visita para o dia 19 de novembro de 2012. A escola em questão é o CMET Paulo Freire (Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores) localizado na Rua Santa Teresinha no Bairro Santana, número 572 em Porto Alegre- RS que tem

como princípio trabalhar com as diferenças. Atualmente estão matriculados alunos de 15 a 91 anos em sessenta e sete turmas, sendo seis específicas para alunos surdos, que estão cursando o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Essas turmas para alunos surdos foram uma conquista da comunidade surda no Orçamento Participativo da cidade em parceria com o núcleo de pesquisa em políticas educacionais para surdos da UFRGS e SMED/ CMET. Como dito anteriormente são seis turmas específicas de surdos que tem a língua brasileira de sinais como primeira língua e ao mesmo tempo garante o conhecimento da língua oficial do país.

O CMET é um local de formação e encontro da cultura surda, onde os alunos surdos interagem através da LIBRAS, além do acesso aos conhecimentos escolares, possibilitando a participação social, garantindo a acessibilidade aos direitos sociais e aos bens culturais.

A escola em questão conta com uma professora de teatro, Rossana Sacco, que é graduada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas que também é responsável pelas aulas de artes plásticas. As aulas acontecem em uma sala de aula comum, o que segundo Rossana dificulta o seu planejamento, pois é necessário adaptar as aulas de acordo com o que espaço que poderão utilizar em cada aula. A professora em questão trabalha com expressão corporal, jogos dramáticos, improvisações, movimento, ritmo e trabalho de corpo. Sobre o ensino com surdos, Rossana diz que é necessário fazer adaptações, ela utiliza teóricos como Augusto Boal e Viola Spolin, mas sempre adaptando o que é necessário, os estímulos sonoros, viram estímulos visuais e corporais. Segundo COSTA e FONSECA apud LARROSA: “Para Larrosa (2001), quando escrevemos “não tomamos a palavra, mas nos tornamos palavra”. Neste tornar-se palavra, cada professor busca nas suas experiências, nas suas memórias, as possibilidades de constituição de identidades docentes.” Segundo as palavras da professora: “quando comecei em 2002 não sabia que era uma turma de alunos surdos, achei que seriam apenas um ou dois alunos. Me assustei quando me deparei com uma turma só de surdos. Eu não sabia Libras, então comecei com o auxílio de uma intérprete, era estranho, pois não tínhamos um vínculo nem um contato direto, os alunos não me olhavam enquanto eu falava, eles só olhavam para a intérprete. Eu errei muito, senti que tinha que mudar e mudei. Fiz tudo sem auxílio, nunca ninguém me disse como eu deveria fazer. Eu aprendi muito com eles, eu fiz cursos de Libras, mas aprendi muito mais com eles”. A professora em questão também é responsável por uma

oficina de teatro que acontece duas vezes por semana no turno inverso e no espaço que estiver disponível no momento da oficina. Na escola existe uma sala de dança, mas que é compartilhada com os outros professores, tanto para a realização de aulas quanto para guardar materiais, o que deixa o teatro sem um espaço ideal.

3. AS OFICINAS

Durante os meses de pesquisa pesquisei sobre oficinas de teatro com surdos e ouvintes que acontecessem em Porto Alegre- RS. Encontrei o Grupo de pesquisa teatral Signatores e a oficina Cena aberta, que segundo o Blog Mais Teatro tem os seguintes objetivos:

A idéia desse espaço inicial de formação, oferecido em formato aberto, pretende alcançar e atender ao público que ainda não estabeleceu contato com o fazer teatral. Com isso, busca-se desenvolver as capacidades dos participantes para que possam encontrar novas formações e possibilidades, conforme o despertar de suas motivações para as artes cênicas. Também é uma oportunidade para a preparação de platéias, visto que a oficina será ministrada no Centro Municipal de Cultura e será mais um canal de comunicação entre esse espaço diversificado e a comunidade. (acesso em 8 de novembro de 2012).

O fato de ser uma oficina aberta significa que qualquer pessoa com ou sem deficiência pode participar. Tive a oportunidade de participar de uma aula. O grupo que participei contava com trinta ouvintes e um participante surdo (P). O conhecimento de Libras daicineira é básico e segundo ela foi adquirido na disciplina de Libras I, oferecida pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Descreverei como aconteceu a aula mantendo a atenção na relação da professora com o aluno P.

A aula iniciou com um relaxamento, onde todos os alunos deviam deitar no chão e concentrar-se no seu corpo com os olhos fechados (focando na respiração, concentração, desenrolar da coluna, entre outros). Pude perceber que nesses momentos aicineira deitava-se ao lado de P, de forma que mostrava com o seu corpo o que deveria ser feito.

No momento seguinte foi realizada uma caminhada, onde foram trabalhados ritmo e percepção espacial. Pude perceber que nesses momentos P seguia o ritmo do grupo. No momento seguinte foi proposto um círculo onde um voluntário deveria sair

do seu lugar e dirigir-se a uma pessoa do círculo, dizer o seu nome e ocupar o lugar dessa pessoa que deveria dar continuidade ao jogo. Percebi que P não demonstrou dificuldade, e que jogou como os demais, dizendo o seu nome e ocupando o lugar dos colegas. Seguidamente o jogo prosseguiu em círculo, de forma que todos deveriam seguir até o colega, bater palmas nas costas, na frente e com o colega. Novamente P não demonstrou dificuldade tanto na compreensão quanto na realização da atividade.

O terceiro momento da aula foi composto por improvisações, onde deveriam estar presentes os três níveis (alto, médio e baixo), deveria haver uma ação que se repete e uma narração. Nesse momento, eu participei do grupo de P, que recebeu uma explicação individual daicineira, que a fez utilizando um pouco de libras e um pouco de mímica. O nosso grupo conversou por alguns momentos sobre o que deveríamos fazer P só observou e quando decidimos que cada um deveria fazer uma imagem que se completasse com a do colega, e ele foi um dos primeiros a colocar-se no grupo, criando movimentos com grande qualidade. A aula finalizou com uma canção em roda e um passo simples. P participou como os demais alunos, não recebendo orientação individual, pois demonstrou total compreensão quando todos começaram a fazer o mesmo passo.

Pude perceber que a professora em questão escolheu boas formas de adaptação, pois o aluno pode participar de todas as atividades e demonstrou compreensão total de tudo o que foi feito. Apesar da inexperiência com a Libras e com a cultura surda a professora em questão conseguiu desenvolver uma aula para surdos e ouvintes sem excluir ninguém. Segundo REGO (1998, p.51), na obra sobre Vygotsky:

É através do trabalho que o homem, ao mesmo tempo em que transforma a natureza (objetivando satisfazer suas necessidades), se transforma. Para realizar sua atividade, o homem se relaciona com seus semelhantes e fabrica os meios, os instrumentos.

3.1 O GRUPO SIGNATORES

Quando passei a me interessar pela surdez fui logo buscar referências sobre o assunto. Não demorou muito para eu encontrar o Signatores. A sua equipe estava sempre disposta a me auxiliar nas minhas inquietações, e de tantas dúvidas e interesse surgiu o convite para participar como bolsista de extensão. O primeiro contato com os alunos aconteceu depois de um mês que passei a trabalhar com o grupo. A dificuldade com a língua de sinais e as pesquisas recentes me faziam acreditar que eu não seria aceita por não ser fluente na língua; isso me deixou ansiosa e com medo de conhecê-los. Logo percebi que as minhas referências estavam erradas, e que, mesmo sem ser fluente, eu podia me sentir aceita e trabalhar com a dificuldade de comunicação.

O Grupo de Pesquisa Teatral Signatores foi formado em 2010, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Surgiu do interesse comum dos seus participantes em investigar os processos de construção da linguagem teatral com pessoas surdas.

Com a orientação do Prof. Dr. Sergio Lulkin, a equipe é composta pelas professoras de Teatro, Adriana de Moura Sommacal (Mestranda) e Marcia Berselli (Graduanda em Teatro), pelo Mestre em educação Augusto Schallenberger, pela intérprete Celina Xavier e por mim (Graduanda em teatro).

O nome *Signatores* vem da junção das palavras “signo” e “atores”. Um grupo de teatro composto por alunos surdos e professores ouvintes e surdos que se utilizam da língua de sinais.

Segundo SOMMACAL e BERSELLI, o grupo propõe oficina de teatro com os objetivos de instrumentalizar jovens e adultos surdos com a linguagem teatral, formar docentes e pesquisadores na área teatral, investigar as possibilidades de criação teatral com surdos, valorizar e difundir as formas de expressão cultural e ampliar a comunicação entre surdos e ouvintes. Utiliza-se, como metodologia, práticas de expressão corporal, improvisações e jogos dramáticos. As atividades são registradas em vídeo e fotos, com posterior publicação e divulgação em mídia digital e mostra de resultados em espaços teatrais. A oficina é gratuita e o trabalho é acompanhado por intérprete em Língua Brasileira de Sinais. Na primeira edição (2011) o resultado foi a montagem do espetáculo teatral “As aventuras do Reino Surdo”, a partir das improvisações e criações cênicas dos participantes surdos, representado em língua de sinais, em duas sessões no Teatro Bruno Kiefer da Casa de Cultura Mario Quintana,

dezembro de 2011, com ampla repercussão. A segunda edição foi finalizada em dezembro de 2012 e teve como resultado final a montagem “Memória na ponta dos dedos”, que foi construída a partir das histórias de vida dos alunos.

“Gestos que falam: diálogos entre o teatro e a educação” investiga processos de construção da linguagem teatral com a comunidade surda, mediados pela experiência dos seus integrantes, aproximando as tradições dos ouvintes e dos surdos. A ação tem como objetivos democratizar o acesso aos bens culturais; instrumentalizar os participantes na linguagem teatral; valorizar formas de expressão cultural; ampliar formas de comunicação entre surdos e ouvintes; difundir o processo por meio digital com larga abrangência e divulgar a cultura da comunidade surda na sociedade ouvinte.

O grupo Signatores oferece aos alunos trabalho teatral de qualidade. Nós, enquanto ouvintes, temos muitas possibilidades de encontrar bons cursos de teatro, onde o professor irá falar a mesma língua e isso nos fará ter um aproveitamento total. O sujeito surdo fica limitado as poucas ofertas que surgem. O signatores oferece a vivência intensa, levando referências e utilizando-as no trabalho do dia-a-dia. Considero o surgimento do grupo como uma nova etapa do teatro surdo em Porto Alegre, pois antes do grupo, o teatro em Libras era geralmente desqualificado.

Os primeiros fatores importantes para a aceitação do grupo foram a coordenação do Professor Doutor Sergio Lulkin e a presença do mestre Surdo Augusto Schaleberger, ambos muito conhecidos, admirados e queridos na comunidade surda. A presença da língua de sinais foi outro fato importante para a aceitação do grupo na comunidade. Segundo MOURÃO (2011, P.38):

Este território surdo é algo que completa a vida para o surdo, não é focalizando somente o “surdo” , mas é algo que acontece pela comunicação, aquilo que provoca em cada um e no outro que recebe a informação, as palavras “completas”, os significados. Nosso corpo age sob efeito de emoção, de compreensão, de entendimento, de conhecimento, enfim age como Língua.

4. AS ENTREVISTAS

Ao desenvolver esse trabalho me deparei com a dificuldade de encontrar professores de teatro que tenham alunos surdos. Entrevistei professores inexperientes, com vasta experiência e alguns no período de aprendizagem da língua. Compartilho do pensamento de Abramovich (2002, p.6) sobre a importância de entrevistar e ouvir histórias: “Escutá-las [as histórias] é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo...”. De acordo com tamanha importância, passarei agora as entrevistas:

P. M- Professora na oficina Cena Aberta

Tendo um vocabulário básico de libras, como tu fazes para te comunicar com um aluno surdo? Tem algum jogo ou exercício que tu deixes de fazer por causa desse aluno?

Tenho apenas um aluno surdo que participa da oficina Cena Aberta, que é livre e destinada a maiores de 16 anos. A nossa comunicação se dá mais por imitação, quando é algum exercício mais específico, ou com muitas informações orais eu acabo exemplificando no meu corpo e procuro explicar melhor só para ele, mas na maioria das vezes eu já dou a instrução do jogo fazendo vários gestos e ações que possam ser entendidas tanto por ele quanto pelos outros alunos que tenham mais facilidade de entender pelo olhar.

Alguns sinais de libras eu uso, como "devagar" e "entendeu" principalmente, de resto, acabamos criando nossos próprios sinais na tentativa de nos entendermos e tem funcionado bem. O que resalto é que esse meu aluno tem facilidade de entrar no jogo, na maioria das vezes ele já entende por ver os colegas e quando ele não entende ele vem e me pergunta. Nas improvisações percebo que ele e os colegas se comunicam bem e fazem bons trabalhos. Alguns jogos de instrução oral e que trabalham essencialmente com a audição eu deixo de fazer porque ainda não sei como trabalhar de um modo que seja acessível a todos.

A forma de comunicação utilizada por P.M e seu aluno é de caráter investigativo, pois ambos não são fluentes em Libras. De acordo com Nunes (2011, p. 38):

Este território surdo é algo que completa a vida para o surdo, não é focalizando somente o “surdo”, mas é algo que acontece pela comunicação, aquilo que provoca em cada um e no outro que recebe a informação, as palavras “completas”, os significados. Nosso corpo age sob efeito de emoção, de compreensão, de entendimento, de conhecimento, enfim age como Língua.

M. B – Professora da oficina teatral do grupo Signatores

Levando em consideração que a linguagem teatral é vasta e de difícil explicação, como tu fazes para desenvolver uma aula de teatro em libras?

Então, como todas as aulas que dou, independente do público, na maioria das vezes é difícil que eu selecione ou mesmo classifique uma linguagem para trabalhar. Como a maior parte dos meus colegas (assim acredito), tomo como base muito da minha formação de atriz, dos processos pelos quais passei e que foram interessantes, lógico, ligados com os estudos sobre a pedagogia do teatro e os diversos métodos, modelos, teorias e etc. sobre educação que nos caem na frente dos olhos ou chegam a partir de nossos próprios professores. Assim, a aula, a programação da aula (o plano, digamos) é parecido com qualquer outro: levo em conta o que já foi trabalhado articulado ao que pretendo desenvolver. No caso específico dos surdos, preciso levar em conta algumas especificidades como a questão de jogos que não utilizem som, adaptar os que necessitam de muitas explicações no decorrer do exercício (o que no caso da LIBRAS complica muito, por que você tem que parar o jogo para explicar, diferente de quando trabalha com ouvintes e pode dar a indicação ao mesmo tempo em que eles a realizam), pesquisar sinais diferenciados, entender o contexto em que vai usar os sinais. Essa questão língua é que diferencia bastante, ao mesmo tempo em que é bem próxima de aulas com ouvintes: tu tens que encontrar o ponto de comunicação com os teus alunos, nesse ponto, compreender a língua se faz necessário em certo grau, um mínimo de conhecimento ao menos para explicar os jogos, explicar os objetivos, refletir sobre o jogo que foi realizado, etc. Assim, precisa encontrar o "elo" entre tu, a tua aula, e os alunos. Em alguns pontos é um pouco abstrato isso que estou escrevendo, mas é como eu sinto; na verdade é a mesma sensação que tenho como professora de alunos ouvintes, só que com os surdos há esse desafio de saber que às vezes a maneira como eu passei pelo jogo quando era aluna, como o recebi, era diferente pela forma

que ele me foi explicado. Por exemplo, às vezes alguns jogos quase não precisam de explicações pelas referências que tu usas ao dar as primeiras indicações. Com surdos, com a diferença nessa relação das referências, de ter o contato com elas, às vezes isso não pode ser utilizado. Igual com as "brincadeiras/piadas": às vezes tu queres comentar algo em forma de piada, para descontrair, ao mesmo tempo em que instrui. Com eles é diferente por que há a diferença entre a piada de surdos e a de ouvintes, já que a piada tá ligada à cultura. Uma piada com foco na língua portuguesa, por exemplo, não vai fazer muito sentido.

Enfim, é uma questão de comunicação em todos os níveis, e principalmente, uma questão de estar aberta ao que eles trazem, às experiências deles. E essa é uma questão que me parece constante, independente do aluno ser surdo, ouvinte, etc. Tu tens que perceber qual a comunicação que vai usar, como chegar até ele, como deixar que ele chegue, e estar sempre aberta à mudanças.

A entrevistada M.B é fluente em Libras, mas como essa é uma linguagem que está sempre em progressão, é comum que mesmo as pessoas fluentes não saibam alguns sinais, por isso compartilho do pensamento OLIVEIRA (1997, p.38), na obra sobre Vygotsky:

A cultura, entretanto, não é pensada por Vygotsky como algo pronto, um sistema estático ao qual o indivíduo se submete, mas como uma espécie de “palco de negociações”, em que seus membros estão num constante movimento de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados. A vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um.

C.W. – Ex coordenadora do curso de teatro e atual professora das disciplinas de atuação I e II da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

De acordo com a tua experiência como coordenadora do curso de teatro tu achas que o Dad estaria preparado para receber um aluno surdo e como seria o trabalho com esse aluno na disciplina de atuação I, que é uma das primeiras atividades práticas?

Bom, agora como está necessitaria de adaptação. Eu estive conversando com os outros professores que também não sabem Libras. Digamos que o aluno leia lábios, se

o aluno ler lábios também a gente vai precisar principalmente na aula de atuação de uma adaptação e construir essa adaptação. Porque agora como está realmente não conseguiríamos. O aluno teria que ler lábios. Eu estava pensando como eu adaptaria uma aula prática. A maior parte da aula o aluno está fazendo está realizando enquanto eu estou dando o comando. Então, teria que adaptar no sentido de primeiro dar o comando e depois fazer. Eu acho que seriam duas coisas: primeiro os professores teriam que aprender Libras caso o aluno se comunique apenas por Libras, e, caso o aluno leia lábios, também tem que ter uma adaptação, no sentido de estar sempre olhando para esse aluno. Agora, do jeito que está, precisaria de uma mudança, mas uma mudança que é possível.

È preocupante o fato de o curso de teatro ainda não estar preparado para receber um aluno especial. O ensino da Libras requer tempo. Desta forma quando acontecer essa troca entre professores do DAD (Departamento de Arte Dramática) e esse aluno(s) a comunicação levará muito tempo. Acredito que em disciplinas práticas a presença de uma intérprete seja inconveniente, mas, a partir dessa falha da universidade seria necessária. A presença desse aluno surdo seria importante para conscientizar o corpo docente do curso de teatro. Segundo FREIRE (1921, p.37): “O importante é advertir que a resposta que o homem dá a um desafio não muda só a realidade com a qual se confronta: a resposta muda o próprio homem, cada vez um pouco mais, e sempre de modo diferente”

5. O PROGRAMA INCLUIR

Quando iniciei a pesquisa sobre o preparo da universidade para receber um aluno que possui uma linguagem diferenciada, fui em busca dos programas que a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) oferece aos alunos. Ao entrar em contato com a Pró-Reitora de Extensão, Sandra de Deus, soube da existência do “Programa Incluir”, que tem como objetivo apoiar as ações que favoreçam a inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior. Ao falar de deficiência partilho do pensamento de GALARZA (2008, p.5):

“Quando falo em deficiência refiro-me ao conceito construído pela sociedade que estigmatiza o diferente a fim de padronizar todos que fogem do padrão de “normalidade” instituído por ela e reforçado, através dos tempos, como culpado pela insegurança e a incapacidade daqueles que são iguais, tendo as suas particularidades ignoradas em função do todo”.

Quando entrei em contato com o programa descobri que eles atendem principalmente aos alunos da pós – graduação. Se necessário o programa disponibiliza de profissionais capacitados para o atendimento no momento do vestibular, mas ainda não há nenhum programa de permanência ou políticas de acesso disponíveis que seja dedicado especialmente aos graduandos. Segundo REGO (1998, p.95) na obra sobre Vygotsky:

“O desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim através de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo meio, cada aspecto influenciando sobre o outro”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa e escrita dessa monografia tentei inserir-me ao máximo na comunidade surda, pois compreendo a importância da vivência e do conhecimento para o aprofundamento em qualquer área. A comunidade em questão não foi o objeto de estudo, mas, com certeza, proporcionou um grande auxílio para a realização desse trabalho. O interesse surgiu antes mesmo da escolha do tema dessa monografia.

Relutei em definir o ensino de teatro para surdos como foco de pesquisa. O principal motivo foi a dificuldade de encontrar autores que dialoguem com esse assunto. Portanto, me dirigi aos autores que estão escrevendo essa história, ou seja, as pessoas que no momento estão vivendo essa experiência. Quando iniciei a etapa das entrevistas não consegui cumprir os prazos que havia estabelecido, pois as entrevistas feitas por e-mail as respostas demoravam a chegar, e algumas sequer chegaram. Os participantes que mais rapidamente colaboraram foram aqueles que já estavam em prática. Para esses a tarefa consistia em descrever como acontece a relação de algo presente, algo que está em andamento. As respostas foram diversas e a minha função como pesquisadora foi reunir todas elas. Segundo FREIRE (1921, p.37): “Cada relação de um homem com a realidade é, deste modo, um desafio ao qual deve responder de maneira original. Não há modelo típico de resposta, senão tantas respostas diferentes quantos são os desafios”. Acredito que muitos membros da classe artística recearam em responder pelo fato de ainda não ter pensado sobre como seria um trabalho onde surdos e ouvintes partilhassem do mesmo espaço e da mesma ação. Isso foi o que mais me atentou nesse trabalho: falta de preparo. Compartilho do pensamento de REGO (1998, p.98) na obra sobre Vygotsky:

O sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem.

Considero que obtiveram sucesso os entrevistados que estão prática e conseguiram desenvolver um trabalho de qualidade com os seus alunos surdos, mas penso o quanto esse trabalho poderia ser mais intenso se essas pessoas já estivessem se preparando antes de iniciar a prática. O quanto esse trabalho poderia ter mais sucesso se a universidade investisse mais na educação especial. De acordo com essas reflexões posso fazer o seguinte questionamento: até que ponto a universidade prepara os futuros professores para receber e compreender um sujeito que não possua a linguagem verbal? De acordo com FREIRE (1921, p.34): “Faltando uma tal reflexão sobre o homem, corre-se o risco de adotar métodos educativos e maneiras de atuar que reduzem o homem a condição de objeto”. Demorou cerca de seis anos para a Lei de Libras entrar em vigor, mas acho importante destacar que, para a maioria dos professores, o primeiro nível de Libras não é o suficiente para ensinar um aluno, independente de qual seja a disciplina. De acordo com MOURÃO (2011, P.18): “língua de sinais tem comunicação natural entre os surdos ou povo surdo, que tem cultura surda como piada, poema, Literatura surda, etc. Não é só objetivo comunicação, mas é língua que tem estrutura de Libras, gramática, sistema, lingüística, competência e outros, como outra língua”. Importante destacar também que é raro encontrar cursos de Libras em nível II e III, e quando encontrados, geralmente são cursos de um alto custo financeiro. De forma que tudo isso dificulta a profissionalização do professor de qualquer área. Porém, na área teatral considero o caso mais urgente, pois os professores estão se formando sem essa qualificação, e a comunidade surda carece muito mais de professores de teatro, onde a presença de uma intérprete pode não ser desejada pela criação de uma barreira pré-estabelecida. MOURÃO (2011, P. 34) relata a sua experiência com arte da seguinte forma: “Essa experiência me mostrou como, com poema surdo, também teatro surdo, posso transmitir e expressar a visão do povo surdo para reforçar seu poder e identidade.”

Penso que algumas propostas poderiam auxiliar na evolução desse aprendizado. A universidade poderia iniciar um curso de Libras com os seus funcionários e professores, pois dessa forma, quando um aluno surdo iniciasse na graduação, ele se sentiria mais à vontade em utilizar os serviços públicos, assim como comunicar-se diretamente com o professor, sem sentir-se incompreendido e sem construir barreiras na comunicação necessitando de uma intérprete. Acredito que uma modificação no

sistema de ensino e uma qualificação para os professores seja uma medida emergencial. Compartilho do pensamento de FREIRE (1921, P. 40):

Se queremos noutras palavras, que faça a história em vez de ser arrastada por ela, e, em particular, que participe de maneira ativa e criadora nos períodos de transição (períodos particulares porque exigem opções fundamentais e eleições vitais para o homem). Se é todo o anterior o que desejamos, é importante preparar o homem para isso por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. Isto obriga a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos.

Ao final desse trabalho permanece presente o desejo de seguir o caminho do estudo sobre a surdez, pois ele está aberto para novas pesquisas. Até o presente momento não explorei todas as fontes e ainda há muito a ser descoberto, investigado e aperfeiçoado. Essa vontade se faz presente, pois o meu contato com a comunidade surda foi muito instigante, permitiu conhecer outro universo, onde os fatores sociais e psicológicos são diferentes. O colocar-se no lugar do outro me preocupou e motivou a continuar a pesquisa, pois acho necessário e importante a construção de um território mais significativo para a educação do surdo, onde a comunicação não seja vista como um problema e sim como um diferencial.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. São Paulo: Editora scipione, 2002.

BERSELLI, Marcia. SOMACAL, Adriana. Encontro entre o teatro e a educação: A experiência do grupo de pesquisa teatral Signatores. **Revista do SAJU**, Porto Alegre, v.7, n.1, p. 136 a 153, set.2011.

BLOG MAIS TEATRO. Disponível em <<http://maisteatro.blogspot.com.br/2012/07/cena-aberta-calendario-de-aulas.html>>. Acesso em 8 de novembro de 2012.

COSTA, Luciano Bedin e FONSECA, Tania Mara. **Vidas do fora**: habitantes do silêncio . Porto Alegre: UFRGS Editora, 2010. 383p.

FENEIS. Disponível em <<http://feneis.org.br>>. Acesso em 28 maio 2012.

GALARZA, Camila Nasi. **Deficiências Educacionais**: uma reflexão sobre a diferença e o sistema de ensino para alunos com necessidades educativas especiais. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 52 p. Monografia (Graduação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

INCLUSIVE. Disponível em <<http://www.inclusive.org.br>>. Acesso em 9 de julho de 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo freire. Editora Moraes. São Paulo, 1921.

ITAÚ CULTURAL. Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em 9 de julho de 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista brasileira de educação**. Belo Horizonte. n.19, p. 20-28, jan/abr. 2002

LULKIN, Sergio. **O silêncio disciplinado:** a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 109 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

MOURÃO, Cláudio. **Literatura Surda:** Produções Culturais de Surdos em Língua de Sinais. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 131 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Marta. **Vygotsky:** Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico. São Paulo: Editora scipione, 1997.

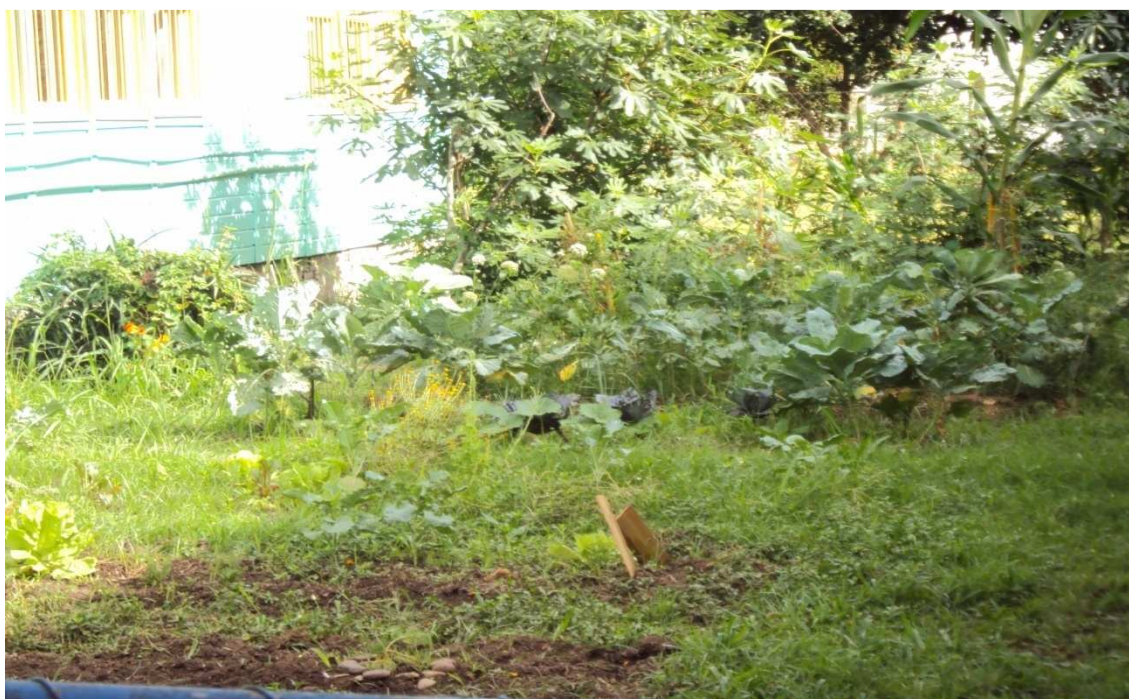
REGO, Teresa Cristina. **Vygorsky:** Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Editora Vozes, Petrópolis, 6 edição, 1998.

SKLIAR, Carlos. **A surdez:** Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. 191p.

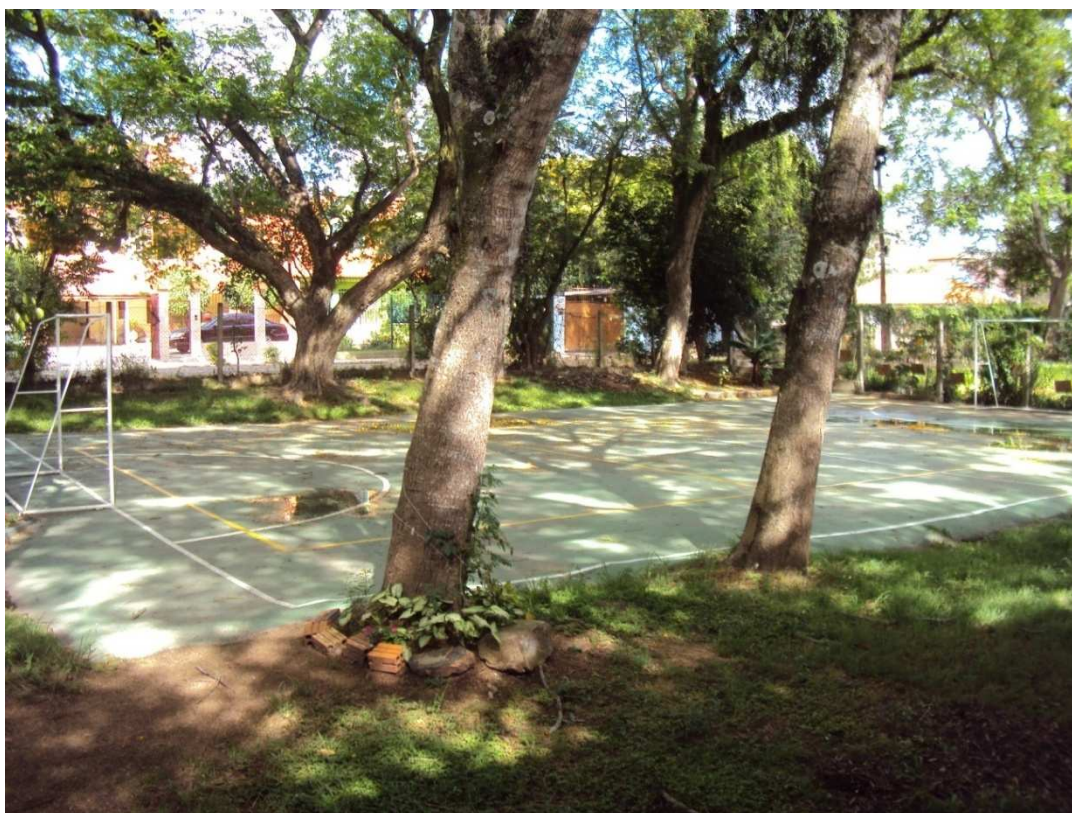
Escola Salomão Watnick



Horta produzida e cultivada pelos alunos



Cancha de futebol nos fundos da escola



Sala de aula identificada



Alfabeto das séries iniciais



Sala de artes



Produção dos alunos



Pátio da escola



Escola Lilia Mazon



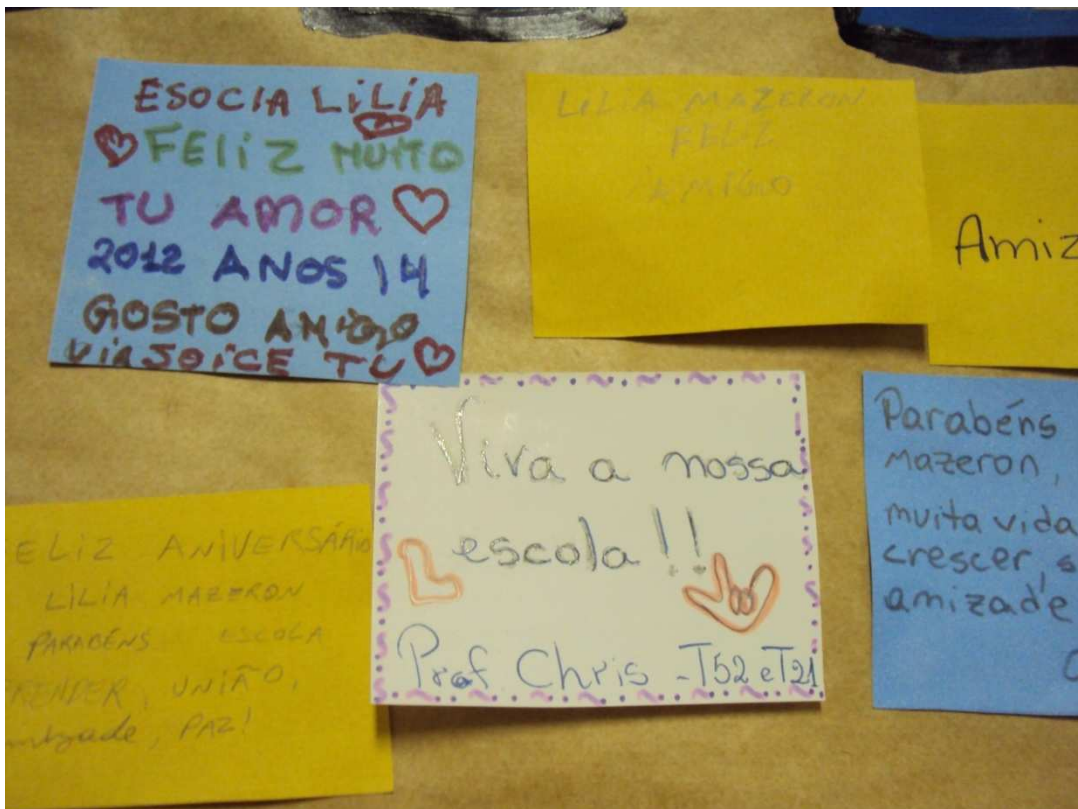
Biblioteca



Sala de artes



Bilhetes dos alunos para parabenizar o aniversário da escola.



CMET Paulo Freire



Cartaz feito pelos alunos



Hall da escola



Cartaz feito pelos alunos

